

## O NOVO FÔLEGO DE BARACK OBAMA

por Mário Soares

Há que reconhecer, apesar dos falsos e soezes ataques que Barack Obama tem sofrido, vindos principalmente dos republicanos e dos extremistas do Tea Party - e de lhe ter caído em cima, desde que foi eleito, o peso do mundo - que o Presidente tem sabido levar a água ao seu moinho. As medidas e as reformas vão aparecendo, umas atrás das outras, com uma determinação e uma inteligência políticas, absolutamente invulgares.

Acaba agora de dar um outro enorme passo em frente, nesse sentido, no discurso solene que proferiu no Gabinete Oval da Casa Branca (ao que parece remodelado, com fino gosto), em 31 de Agosto último. Nele anunciou o começo da retirada das tropas americanas do Iraque, como havia prometido fazer, durante a campanha eleitoral. Pois bem: promessa cumprida. As tropas americanas começaram a regressar a casa, sete anos e cinco meses depois de George W. Bush, com a cumplicidade dos seus parceiros, da Cimeira da Vergonha dos Açores, Tony Blair, José Maria Aznar e Durão Barroso, ter dado ordem para invadir o Iraque, com pretextos falsos, como depois se comprovou. Só não viu o cenário quem não quis ver...

O saldo desta guerra - depois do exemplo terrível do Vietname, que parece não ter servido de nada, nem aos republicanos nem ao Pentágono - foi, como agora se sabe, muito pesado: 4.427 soldados americanos mortos e 34.263 feridos e estropiados, sem contar com os iraquianos e a população civil muçulmana em geral. Tudo isso para quê? Para conseguir eliminar um ditador ominoso, Saddam Hussein, o que poderia ter sido feito, por meios políticos, diplomáticos e por pressão de natureza económica. Mas a Al Qaeda e Bin Laden, tão legitimamente odiados pelo que fizeram, não se sabe sequer onde estão e o que fazem, projectam e, ao que parece, continuam incólumes...

Contudo, os custos da guerra do Iraque, para os americanos, estão longe de ser apenas em vidas humanas e pecuniários. Cifram-se, sobretudo, no descrédito profundo que atingiu os Estados Unidos, aos olhos da opinião pública mundial, na crise financeira e económica - que se iniciou em Nova Iorque e, depois se propagou pelos cinco Continentes - e está muito relacionada com a guerra do Iraque, que criou, como todos se lembram, divisões no Ocidente, que o diminuíram perante os Estados ditos emergentes e que deixaram marcas como, por exemplo, entre a velha e a nova Europa...

É verdade que a guerra do Iraque, está longe ainda de ter terminado - veremos, nos próximos meses, como tudo se passará - mas pode vir a acabar com menos humilhação, para o lado americano, e menos dificuldades do que o Vietname. Deve-se isso ao Presidente Obama, ao seu bom senso e visão global. Sem ele, o desastre seria incomparavelmente maior. E muito mais explosivo, quer para a América quer para a Europa.

Note-se que, no discurso de 31 de Agosto último, Obama não se referiu só ao Iraque. Falou também pela primeira vez, nos termos em que o fez, do Afeganistão, onde a NATO está, desde o início, comprometida num conflito que todos os dias se agrava e não tem, como os russos muito bem sabem, solução militar à vista.

Várias vezes escrevi, nesta coluna, que Obama falava na necessidade de fazer regressar as tropas americanas do Iraque, mas quanto ao Afeganistão era vago e chegou a pedir, aos seus aliados da NATO, o envio de mais soldados. Critiquei-o, por isso. Agora não. Quanto ao Iraque foi claro: "todas as tropas americanas partirão antes do fim do próximo ano". Excepto talvez as centenas de mercenários que ainda lá estão. Mas quanto ao Afeganistão foi, igualmente, claro: "o ritmo da retirada será determinado pela situação no terreno. Mas que ninguém se engane, a transição será feita, na perspectiva de que uma guerra sem fim não servirá os nossos interesses nem os do Povo Afegão". Suponho que os dirigentes da NATO, principalmente os europeus - terão sido avisados - e deverão ter ficado surpreendidos com esta parte do discurso de Obama. Por mim, como cidadão português e europeu, fiquei satisfeito. Sobretudo quando Obama disse esta frase lapidar: "É tempo que a América projecte uma visão do futuro que não seja baseada sobre os nossos medos".

É certo que as eleições no meio do mandato, que vão ocorrer em Novembro próximo, revelam-se particularmente difíceis para os Democratas. A situação económica - e, particularmente, a falta de emprego, fenómeno novo nos Estados Unidos - estão a criar muito descontentamento, como por toda a parte.

Obama também foi claro. "A partir de agora - disse - será a nossa principal prioridade". Alguns economistas reputados e progressistas - como Krugman e Stiglitz - criticam Obama por as medidas tomadas, até agora, não terem dado os resultados esperados. É uma situação complexa para os Estados Unidos - onde o desemprego de 10% e o endividamento crescente são intoleráveis - e também para a União Europeia. Não estou seguro, sobre qual dos dois aliados sairá primeiro da crise. Mas, de momento, e na perspectiva do G20, que se reunirá na Coreia do Sul (Seul) em Novembro próximo - e que aspira a tornar-se uma espécie de Governo Económico Mundial - os Estados Unidos e o Japão continuam na luta contra o desemprego, através do investimento, e a apostar menos na austeridade financeira, para evitar uma nova recessão, enquanto a União Europeia, ortodoxamente, através da política definida pelo Banco Central Europeu, e por detrás dele pela Alemanha, o princípio dominante, é o da redução dos déficits e do endividamento externo. A China é por enquanto uma incógnita e pesa muito neste xadrez, à escala mundial. Mas começa a ter problemas. Li num jornal, que o presidente do banco central da China tinha desaparecido... É um sintoma.

Portugal, membro da União Europeia e, desde sempre, pertencendo à zona euro, que se pretende salvar, deve acompanhar, obviamente, a política da União. Mas a questão - entenda-se - não é pacífica para muitos países europeus. Cito, entre outros, a Irlanda, a Espanha, os Países Baixos e a Bélgica. O debate está em aberto, em toda a parte, e também o devíamos fazer, em Portugal, não só participando nele activamente mas também ouvindo, especialmente, o Partido Socialista Europeu e os Partidos que estão na Oposição, como o SPD alemão e o PS francês, para além dos nórdicos, dos austríacos e da Itália (em oposição a Berlusconi).

Entretanto, nos últimos dias, Barack Obama tem-se esforçado num trabalho diplomático considerável. O encontro entre o primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e o líder da Autoridade Palestiniana, Mahmoud Abbas, para retomar as negociações para um acordo de paz, teve a presença, em Washington, do Presidente Mubarak, que conhece como poucos este dossier, e do rei da Jordânia, Abdullah II. Barack Obama sabe que no centro dos conflitos do mundo árabe está a questão israelo-palestiniana, que se eterniza e, se não houver uma mudança, se poderá tornar explosiva. Ele percebe que a normalização do Irão, da Síria e do Líbano, passa também por aí.

#### Tony Blair publica as suas memórias.

Em Londres e depois na Irlanda - onde teve dissabores - Tony Blair resolveu publicar as suas memórias, numa operação mediática que lhe trará bastante dinheiro (que disse se destina a uma organização humanitária) mas que, sobretudo, visa a projectá-lo de novo no proscénio político. O livro foi já traduzido e está em via de publicação em 12 idiomas.

Dadas as resenhas que li, nos jornais estrangeiros, não penso que as memórias de Blair tenham qualquer interesse. Tirando as críticas a Gordon Brown, que lhe ficam mal, aos olhos das pessoas sensatas, não creio que tenham nada de novo. Por isso, não tenciono lê-las. Faz o elogio de George W. Bush, como um estadista inteligente e patriota - imagine-se! - e não se arrepende da invasão do Iraque, nem se lembra de ter cometido erros...

Numa entrevista que concedeu no Domingo ao Le Monde, de uma página inteira, de uma platidade chocante, que me dei ao trabalho de ler, não ressalta uma única ideia nova. No fundo, só a sua pessoa interessa e a importância que se atribui, embora a história - suponho - não a venha a reconhecer.

Conheci Tony Blair, episodicamente, num Congresso que houve em Paris, em que Guterres foi eleito Presidente da Internacional Socialista. Trocámos meia dúzia de palavras. Não mais. Pessoalmente pareceu-me simpático, embora superficial. Mas não apreciei nada o discurso que então lhe ouvi e fiquei convencido que, de socialista (ou trabalhista, como se queira), Blair não tinha nada. A chamada "terceira via" foi uma forma grosseira, como escrevi várias vezes, de levar os partidos socialistas europeus a aceitarem uma tintura do neo-liberalismo americano. Alguns foram mesmo "colonizados" por essa ideologia. Blair disse-se sempre pró europeu, é certo, mas o que verdadeiramente me parece ter sido foi vassalo atento dos americanos.

Foi dez anos primeiro-ministro, ganhou três eleições, o que é um feito raro no Reino Unido. Agora, com 57 anos de idade, percebe-se-lhe uma imensa nostalgia do poder. Na entrevista ao Le Monde diz que teve pena de não ter sido eleito Presidente da União Europeia, em vez do belga Herman Rompuy. Felizmente que não foi. Enviado especial ao Médio Oriente, onde ninguém percebeu o que tem conseguido fazer, revela-se agora optimista. Acha que o mundo - e nisso tem razão - está em acelerada mutação e que o futuro do Ocidente ou muda também ou ficará definitivamente para trás. Durante séculos os Estados Unidos e a Europa dominaram o mundo. Agora - diz - é a vez do Oriente.

Por isso preconiza uma entente franco-britânica, nos planos económico, político e militar mas, acrescenta, no quadro europeu, para não provocar ciúmes na Chanceler Merkel. Estranha proposta vinda de Blair.

Está riquíssimo, segundo confirmou aos seus entrevistadores. Viaja pelo mundo inteiro. É conselheiro de importantes empresas, de bancos e de seguradoras. Mas, como bom católico (convertido) "três quartos do seu tempo dedica-o a trabalhos benévolos". Gosta muito do serviço público e apetece-lhe ainda, parece, voltar à política. Não creio que o consiga. A guerra do Iraque - e tudo o mais - foi um ferrete, que não mais se apagará...

Lisboa 7 de Setembro de 2010